

ENTRE AS LINHAS DO MUNDO E AS DE CLARICE

Tiago Andrade¹

resumo

Neste texto, partindo de leituras produzidas por pensadoras feministas sobre Clarice Lispector, experimento com uma construção analítico-poética capaz de traçar algumas aproximações entre a escrita literária de Clarice e a filosofia de Deleuze e Guattari, afirmando a natureza profundamente filosófica das obras de Clarice e trabalhando alguns desafios conceituais dentro dos termos de sua própria escrita.

PALAVRAS-CHAVES: linguagem, devir, matéria, diferença.

abstract

In this text, through readings of Clarice Lispector produced by feminist thinkers, I experiment with an analytical-poetic construction capable of tracing some lines of approximation between the writing of Clarice and the philosophy of Deleuze and Guattari, affirming the profoundly philosophical nature of Clarice's oeuvre while working through some conceptual challenges in the terms of her own writing practice.

KEYWORDS: language, becoming, matter, difference.

¹ Graduando em Filosofia e Ciências e Humanidades pela Universidade Federal do ABC – UFABC, membro do Laboratório de Estética e Filosofia da Arte (LEFA) e dos grupos de pesquisa *O programa baconiano de conhecimento e Paradoxo: Antropoceno e Felicidade*.

O indizível é condição de criação, é seu coração pulsante. Acessamos o indizível através de um longo trabalho de preparação, sem garantias. É o final silencioso de uma árdua travessia pelas palavras. É preciso habitar com as palavras que se tem, levá-las ao jardim secreto onde se possa cultivá-las. Enraíza-se uma palavra em solo vivo. Ali, bordeando a rizosfera, ela se alimenta de pedaços da vida orgânica. Posicione teu ouvido no horizonte O do solo. Tente escutar a súplica emitida pela rocha matriz, o que está detrás da palavra. Para tanto, é preciso antes se tornar cada mineral, cada fungo, cada bactéria, cada quilópode que habita e faz solo.

Chegar ao indizível, é como o ovo. Perde-se, caso não houver uma aproximação extremamente cuidadosa. Orbita-se ao seu redor pacientemente, nutrindo a zona de virtualidades e intensidades que vem se assentar. Ovo se faz no escuro do deserto, nas zonas glaciais, se faz flutuando no ar rarefeito ou no útero. O ovo é também algo de indizível, pois está prenhe de um gradiente de silêncios. É uma máquina abstrata que preenche totalmente até chegar uma noite qualquer, na qual o ovo eclode emitindo um grito surdo. É o dolorido de se fazer vivo.

A passagem deve ser feita via sopros, assim ouvidos humanos poderão escutar muito suavemente a mudez das coisas. Mas, antes da garganta elaborar e emitir qualquer sopro, os ouvidos devem se distender e comprimir no espaço, até onde suportam. Se dilatar para acolher as frequências do mundo. Para os guarani Mbya, aywu expressa o que vem dentro, está associada ao modo cotidiano de se expressar, já *nhe'ẽ*, com múltiplas traduções possíveis, é palavra sagrada, um assobio ou sopro de grande importância que conecta o indivíduo ao coletivo. *Nhe'ẽ porã* é a bela fala, aquela que resulta de uma elaboração das cordas vocais, palavra compartilhada com um outro. Vive-se *Nhe'ẽ*, antes de tudo. Antes da possibilidade de escrever ou traduzir. O *jurua* ou branco, não tem a mesma relação com a palavra falada e vivida. É a palavra escrita que ganha importância, como se a escrita pudesse sobrevoar e fixar a totalidade do real. Se encontrar com o indizível é tarefa árdua, expressá-lo na escrita é uma impossibilidade. É porque é difícil dar nome ao real, que nossas palavras podem apenas indicar, aludir, apontar.

Disse Clarice que escrever é como compor entrelinhas: "escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu"². É preciso seccionar no espaço-tempo um plano de consistência, um plano informe de escrita. "Há uma linha de aço atravessando tudo que te escrevo". Escreve-se como as aranhas, hapticamente fiando teias pelas quais se orientar

2 LISPECTOR, Clarice. *Água viva*, 2019.

pelos afetos mais sutis, as mínimas vibrações, “teias captantes”³ pelas quais deslizamos em devir. Fios artificiais que nos ligam ao mais impessoal, “um artifício por meio do qual surge uma realidade delicadíssima que passa a existir em mim”.

Escreve-se rastreando um movimento infinito, habitando uma intimidade espiritual na qual vida e arte se fundem, o momento exato em que traço se faz existência. A escrita posiciona-se seguindo uma linha que desdobra em pura velocidade, já sempre em outro lugar. Escreve-se como se faz “música do ar”, para devir outro, como dizia Deleuze. Busca-se o imediato, “a atualidade sem enfeitá-la com um futuro que a redima”⁴, mas as palavras retornam ao limite tendencial no qual toda situação e representação envergam-se na direção de um instante que ainda não é ou que já se foi. Cedo demais, tarde demais: o que se escreve é um tempo em descompasso com sua hora.

A tarefa primeira é de preparação e composição. Para se pôr à escuta também há de se fiar teias, para que as palavras não retornem ao vazio. À espreita do que chega, tecemos no agora redes captantes. Ela diz: “Recebam-me com fios de seda”⁵. Para receber a palavra do outro, criamos um espaço virtual capaz de manter aceso o que ela possui de intraduzível e indecifrável. Antes de escrever, acolhe-se. Tecnologia aracniana de dar e receber. Mas também de devoração.

Uma palavra é condição de toda vida, o Sim⁶. O Verbo que não instaura uma cisão entre o inteligível e o sensível, sopra que se transmite de uma molécula à outra, através de ondas e vibrações que espriam pelo tecido luminoso do espaço. O Sim não veio do indistinto, ele é a aquiescência de diferenciais, de uma assimetria cósmica que se afirma sem fundir no Um. O Sim é desejo de ser juntos, estabelecendo processos de transformação da matéria, variação e sucessão infinitas. O Sim cria ressonâncias, um acorde no plano de uma grande música que nunca se iniciou ou terminou. O indizível-já-sempre-dito: “nunca te disse como escuto música, - apoio de leve a mão na eletrola e a mão vibra espriando ondas pelo corpo todo: assim ouço a eletricidade da vibração, substrato último no domínio da realidade, e o mundo treme em minhas mãos”⁷. Ondas que atravessam o corpo levando-o a novos liames de intensidade, frequências imperceptíveis que nos movem para além de nós mesmos, para “zonas inesperadas”. O ovo se assenta em uma paisagem sonora caótica.

Ser atingindo por tal vibração é um modo de se encontrar com o mundo. Um encontro no qual existe o ressoante Sim e as palavras que não se dizem. Se aproximar do caos e retornar com

3 LISPECTOR, Clarice. *Com fios de seda. A descoberta do mundo*, 2015

4 LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.*, 2020.

5 LISPECTOR, Clarice. *Com fios de seda. A descoberta do mundo*, 2015

6 LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*, 1998.

7 LISPECTOR, Clarice. *Água viva*, 2019.

um grito vertido em sopro: tradução-traição de um Universo que clama em muitas línguas, muitos ímpetos. “Transmito-te não uma história mas apenas palavras que vivem do som”. Atente para a natureza ambígua da luz. Sua velocidade carrega em si o horizonte-limite de qualquer transformação. A vida é ampla luz e prolongação, resposta inassimilável à provocação do caos. Sim, posso sentir seus frágeis fios escapando agora.

Em parte, é uma questão do tipo de spinozismo de Clarice. Se misturar com o fora através de uma troca de gradientes, da conjugação de *corpora simplicissima*. Lugar de encontro de dois mistérios: o mistério do sexo e do oceano, enredar da matéria orgânica com o inorgânico. “A confusão estava no entrelaçamento do mar, do gato, do boi com ela mesma”⁸. A escrita de Clarice evidencia que seu spinozismo não mergulha o mundo no indiferenciado, mas retém as singularidades dos modos que se ligam entre si em relações de dependência e causalidade. A concretude de um corpo singular, este corpo que busca a “potência da potencialidade”, é matriz de toda experiência e intuição criadora, é o lugar de encontro com o outro que também nos habita.

Clarice contra Descartes: “existo, logo sei”⁹. Tal existência encarnada e singular rompe com a abstração do logos, rememorando uma vida primitiva em comunhão com a matéria, atravessada por forças que excedem o corpo: a vida do animal, do ovo, das bactérias. A diferença se apresenta sob o signo da mulher e do inumano como algo incompreensível, abjeto, monstruoso, vida quase imperceptível. Estranhamento total de um encontro que desestabiliza e desnorteia uma organização social e cultural. Não se trata da busca por uma verdade anterior, da identificação de ordem e coerência no mundo através do pensamento. Se trata, ao contrário, da desorganização e dissolução como abertura total à vastidão do cosmos, às forças e afetos que impingem sobre o corpo como potência de criação estética e ética: “quero é uma verdade inventada”¹⁰.

entre elas, entrevê-se

O desejo de ver, aqui, não objetiva um olhar possuidor, que calcula e destrói. Não se trata do olhar masculinizado que aprisiona e especula a imagem da mulher¹¹. Em *A paixão segundo G.H.*, a personalidade da mulher de classe média e independente é definida pelo olhar dos participantes de seu *milieu* social, assim como pela moralidade que codifica o comportamento esperado de G.H. : “Um olho vigiava a minha vida. A esse olho ora provavelmente eu chamava

8 LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*, 2015.

9 LISPECTOR, Clarice. *A atualidade do ovo e da galinha. A descoberta do mundo*, 2015.

10 LISPECTOR, Clarice. *Água viva*, 2019.

11 IRIGARAY, Luce. *Speculum de l'autre femme*, 1990.

de verdade, ora de moral, ora de lei humana, ora de Deus, ora de mim. Eu vivia mais dentro de um espelho". A falsidade de sua vida social inicialmente parece não despertar o incômodo de G.H.: "Como eu não sabia o que era, então "não ser" era a minha maior aproximação da verdade: pelo menos eu tinha o lado avesso: eu pelo menos tinha o "não", tinha o meu oposto". A personagem descreve tal modo de vida como negativo, irônico, como uma organização artificial. Uma organização simétrica com a arquitetura de seu apartamento, "O apartamento me reflete", ou seja, o apartamento é a imagem do corpo organizado, repetida em série pela paisagem urbana. As rachaduras desta construção apolínea começam a aparecer: "Mas enquanto eu estava presa, estava contente? [...] Ou havia, e havia, aquela coisa latejando, a que eu estava tão habituada que pensava que latejar era ser uma pessoa". Desejo de ver o outro visceral da forma organizada e escapar por uma linha de fuga.

A questão da identidade feminina em um mundo construído por homens já aparecia em *Perto do Coração Selvagem*: "[...] como ligar-se a um homem senão permitindo que ele a aprisione? como impedir que ele desenvolva sobre seu corpo e sua alma suas quatro paredes?". É pelo olhar sufocante do outro, assim como pela exclusão do domínio da linguagem, que ocorre a subjetivação do sujeito feminino no universo clariceano. A violência do olhar e a exclusão da linguagem figuram no contexto de uma cena de quase estupro em *A língua do P* (2015), quando uma professora é punida duas vezes: primeiro pela presumida exclusão da linguagem daqueles que tramam sua morte, depois pelos policiais que retiram de circulação um corpo que guarda em si segredos inauditos, aprisionando-o¹². Corpo regulado pela moral, avaliado pelo olhar que enquadra e pela interpelação da lei.

Quando G.H. adentra no quarto da antiga empregada Janair, o cruzar de seu olhar com o olhar da barata desvela a mulher de sua humanidade. É o momento de transgressão e de passagem de uma vida negativa, socialmente posta, para a vida mais elementar, momento de máxima intimidade com o inumano ou pré-humano. Ela nos conta hesitantemente que seu olhar não se distinguia da coisa vista, como se fosse uma mistura que impossibilita qualquer olhar avaliador. É como se o olhar de G.H. se abrisse pela primeira vez, a ponto de ser totalmente ofuscado pelo grande fulgor de um presente que não pode ser visto pelos humanos em seu momento mesmo de presente. Por isso, também se trata do exato momento que lhe escapa à consciência. "E nesse mundo que eu estava conhecendo, há vários modos que significam ver: um olhar o outro sem vê-lo, um possuir o outro, um comer o outro, um apenas estar num canto e o outro estar ali também: tudo isso também significa ver". O mundo se vê por inteiro através da individuação de cada pedaço de matéria, cada vida animada ou inanimada. É um olhar abertíssimo, uma visão cega sobre a qual não se inscreve o passado, mas apenas o agora.

12 Para uma interessante análise da subjetivação feminina em Clarice nestes e em outros textos, ver a dissertação de mestrado de Maria Elisa Rosa de Albergaria Seixas 'Identidade em estilhaços: ambivalência e diferença em Luce Irigaray e Clarice Lispector', 2015.

E o agora.

E o agora.

Neste jogo de olhares existem apenas corredores, portais, passagens, água viva: impossibilidade de focos privilegiados, hierarquizações, reorganizações, pontos de apoio ou centros de referência no vertiginoso fluxo espacial e temporal cujo o privilégio do olhar não é mais humano¹³. São desfeitos os marcadores de poder, identidade e subjetividade do sujeito moderno, assim como as distinções que firmemente separam mundos, causando desorientação e hesitação. “Tudo olha para tudo, tudo vive o outro; neste deserto as coisas sabem as coisas”. E também “Olho a cadeira e desta vez foi como se ela tivesse me olhado e visto”¹⁴. Cada partícula, objeto, animal, é dotado de uma face que se volta ao mundo, face que não pode ser vista sem ao mesmo tempo devolver o olhar. A restituição de uma face não é uma analogia ou projeção antropomórfica no mundo onde “tudo vive o outro”. Viver é inseparável da ampla visão, a coisa me vê porque também é vida, porque sua visão é inerente à sua encarnação material que também “me vive”. A vida possui uma dimensão impessoal ou inumana. No entanto, não posso acessá-la sem mediação, isto é, não posso vê-la sem conhecê-la, sem que ao mesmo tempo se arrisque um mundo, o meu mundo¹⁵. Tal visão seria como enxergar pela primeira vez, esquecendo o que se vê. “Apenas sonhei com o mundo, jamais o vi”

Já foi dito que em *A Paixão Segundo G. H.*, Clarice escreveu um texto rejeitado pela filosofia, algo que se deu muito antes do nascimento de Clarice: “antiga é sua expulsão da filosofia”¹⁶. Como diversas pensadoras feministas apontam, o corpo é obliterado na cena da filosofia ocidental, soterrado pela razão descorporificada. A metafísica ocidental é minada por Clarice, que desfaz a unidade entre o *logos* e o Ser¹⁷, daí sua transgressão e seu apartamento da história da filosofia: “A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la - e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço”¹⁸.

A neutralidade do sujeito universal também é posta em questão, pois a passagem ao fluxo vivo pré-humano não é a dissolução do sujeito na experiência solipsista da morte, mas sim, como sugere Adriana Cavarero, depende da memória do maternal que liga cada indivíduo à vida pré-individual: “A valência simbólica mais nitidamente oferecida ao olhar - embora bem escondida

13 BRAIDOTTI, Rosi. *Feminismo, diferencia sexual y subjetividad nómada*, 2004.

14 LISPECTOR, Clarice. *Água viva*, 2019.

15 MARDER, Michael. Existential phenomenology according to Clarice Lispector. *In: Philosophy and Literature*, Vol. 37, nº 2, October, 2013.

16 MURARO, Luisa. Commento alla Passione secondo G.H. *DonnaWomanFemme*, nº 5-6, 1988.

17 BRAIDOTTI, Rosi. *Feminismo, diferencia sexual y subjetividad nómada*, 2004.

18 LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.*, 2020.

dentro desta ligação maternal, feminina, com a animalidade - é, talvez, precisamente aquela da conciliação indolor entre individualidade e vida infinita"¹⁹. A aliança com o animal, com o outro singular que me vê, me vive e me habita de maneiras insuspeitas, é a aliança com o demoníaco que me devora tanto quanto o devoro em uma assimilação sensual que se volta contra mim. Sem que, no entanto, a diferença entre a carne humana e a "carne infinita" do pré-humano se desfaça neste encontro maldito. "Toda a parte mais inatingível de minha alma e que não me pertence - é aquela que toca na minha fronteira com o que já não é eu, e à qual me dou. Toda a minha ânsia tem sido esta proximidade inultrapassável e excessivamente próxima"

Passa-se do molar ao molecular abrindo a vida interna a um limiar de transformação pelo desejo, produzindo linguagem-de-vida. O monstruoso é uma passagem, um estreito, uma via-crucis. Deve-se passar pela barata, pela coisa, na saída do gênero humano, afirmando seu poder-de-vida. "Solidão é ter apenas o destino humano". Como já apontou Braidotti²⁰, em Clarice se passa por todo tipo de devires, devir-animal, devir-vegetal, devir-imperceptível, a personagem clariceana se avizinha de estados de ser que a tornam vulnerável a "contágios misteriosos", encontros violentos que despersonalizam e remoldam a subjetividade pela força do contato. Deslizamento sucessivo de blocos de devir numa linha abstrata: os devires em Clarice são "temas atemáticos"²¹ que se atualizam como "figuras sucessivas num caleidoscópio", multiplicando-se a cada limiar cruzado. Se a passagem pelo demoníaco se dá de modo distinto do que encontramos em Deleuze e Guattari, e se a lembrança do maternal cria uma verdadeira tensão entre as duas noções de despersonalização, naquele pequeno quarto que devém o mundo inteiro, onde se devém mundo inteiro ao perder seu mundo particular, soariam adequadas as palavras de D&G: "[...] fazer do mundo um devir, é fazer mundo, é fazer um mundo, mundos, isto é, encontrar suas vizinhanças e suas zonas de indiscernibilidade"²².

entre-nós, és-tu.

E agora, como retornar? Como criar ressonância com o outro, este outro com o qual estamos implicados? Nesta atitude ética que é ato criativo de acolhimento e elaboração, seremos como aranhas ansiosamente lançando teias e caminhando entre fios que nos conectam à diferença. Como quebrar o feitiço pelo qual se torna cego ao outro, mas também evitar a cegueira que resulta da presunção de que posso olhá-lo sem antes destituir meu mundo? O que esconde outra forma de ocultamento.

19 CAVARERO, Adriana. *In spite of Plato: a feminist rewriting of Ancient Philosophy*, 1995. Tradução própria.

20 BRAIDOTTI, Rosi. *Metamorphoses: Towards a materialist theory of becoming*, 2002.

21 LISPECTOR, Clarice. *Água viva*, 2019

22 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível. Mil platôs. Vol. 4, 2012.

Para que seu sopro ressoe na caixa elétrica que é meu corpo, para que a vibração sonora se demore, recebo suas palavras apenas obliquamente e sem nomeá-las. Assim, a diferença não se decalca em imagem que pode ser vista de frente e especulada. O desafio de olhar um espelho sem ver a si mesmo, mas pela primeira vez enxergar o ser próprio de espelho: ser água infinita, transbordar. “Quem olha um espelho, quem consegue vê-lo sem se ver, quem entende que sua profundidade consiste em ele ser vazio, quem caminha para dentro de seu espaço transparente sem deixar nele o vestígio de sua própria imagem – esse alguém então percebeu o seu mistério de coisa”. Olhar o espelho não com os olhos humanos que retornam meus contornos e limites, mas com a visão cega que se abre ao informe, ao que não registra, ao que não tem nome. Me abrir a você, e me reelaborar apenas o suficiente para colocar em palavras o que reconheci de comum entre nós, palavras que possam alimentar nossa conjugação.

Assim, vou tecendo uma “vida oblíqua”, que me permita te escutar e receber teu chamado com teias captantes, acolhendo esta outra coisa que está atrás de tuas palavras, nas quais me demoro. “Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar”²³. Romper as redes estabelecidas no mundo dos homens, se colocar de acordo com as linhas flutuantes do mundo. Respeitando o intervalo entre nós, entre elas, é que escuto seu indizível e respondo: Sim. “A você dedico o começo. A você dedico a primeira vez”. A vocês, que não nomeio: através das mesmas teias secretas que entre-tecemos e perpassamos em trocas, criamos juntos uns ao outros.

bibliografia

BRAIDOTTI, Rosi. *Feminismo, diferencia sexual y subjetividad nómada*. GEDISA, 2004.

BRAIDOTTI, Rosi. *Metamorphoses: Towards a materialist theory of becoming*. Malden: Polity Press, 2002.

CAVARERO, Adriana. *In spite of Plato: a feminist rewriting of Ancient Philosophy*. Tradução de Serena Anderlini-D'Onofrio e Áine O'Healy. New York: Routledge, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível*. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

IRIGARAY, Luce. *Speculum de l'autre femme*. Paris: Les éditions de Minuit, 1990.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

23 LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.*, 2020.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* 1ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem.* 1ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

MARDER, Michael. Existential phenomenology according to Clarice Lispector. *In: Philosophy and Literature*. Baltimore, Vol. 37, nº 2, 2013, pp. 374-388.

MURARO, Luisa. Commento alla Passione secondo G.H. *In: DonnaWomanFemme*, nº 5-6, 1988, pp. 65-78.

SEIXAS, Maria Elisa Rosa de Albergaria. *Identidade em estilhaços: ambivalência e diferença em Luce Irigaray e Clarice Lispector.* 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos sobre as Mulheres). Universidade Aberta, Lisboa.